



REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO

**SOBRE AFETOS E FOTOS: VOLUNTURISTAS EM UMA FAVELA
CARIOCA**

**ON AFFECTION AND PHOTOS: VOLUNTOURISTS AT A
"FAVELA" IN RIO DE JANEIRO - BRAZIL**

**SOBRE AFECTOS Y FOTOS: VOLUNTURISTAS EN UNA
"FAVELA" DE RIO DE JANEIRO - BRASIL**

Bianca Freire-Medeiros¹

Fernanda Nunes²

Livia Campello³

Resumo: O artigo trata de uma forma de turismo bastante recente e ainda pouco estudada: o chamado volunturismo. Seu foco reside na interação entre três volunturistas estrangeiras e um grupo de crianças em uma favela carioca. É nossa intenção apreender o fluxo de emoções construído por meio da produção de imagens fotográficas, cuja dinâmica nos desafia a repensar o que tem sido dito sobre as relações entre fotografia e práticas turísticas. A metodologia de pesquisa envolveu onze meses de observação participante, bem como entrevistas em profundidade com agentes qualificados (lideranças locais, volunturistas e agentes promotores), aplicação de questionários semiestruturados e realização de um grupo focal. Tanto as fotografias que compõem nosso acervo fotoetnográfico quanto as observações de campo colocam os jogos e brincadeiras como atividades centrais desenvolvidas pelas personagens apresentadas neste artigo. Se, por um lado, estávamos em busca de um entendimento das complexidades e nuances que o volunturismo envolve, por outro, destacou-se a posição ambígua na qual nós, pesquisadoras, nos encontramos ao longo da pesquisa.

Palavras chave: Turismo. Volunturismo. Afeto. Favela. Fotografia

¹ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV). Email: freiremed@hotmail.com

² Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas (FGV). Email: fernanda.fnunes@gmail.com

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: livinhacampello@hotmail.com

Abstract: The article is on a new form of tourism, voluntourism, which little research has been conducted about. The action among three foreigner voluntourists and some children at a slum was focused trying to assess the emotions sparked by picture taking, which lead to a review on some previous concepts about relationship between tourists and photos. Participant observation was chosen as research methodology whit in depth interviews with key informants (local leaders, voluntourists, agents), semi-structured questionnaires and a focal group. Photo-ethnographic material as well as field observation were centered in games and recreational activities played by them. Researchers were trying to understand the complexity of voluntourism but their ambiguous position in the field came also to be an important research issue.

Keywords: Tourism. Voluntourism. Affection. Slum. Photo.

Resumen: El artículo se refiere a una nueva forma de turismo, el volunturismo, sobre el cual hay aún poca investigación. Se estudió la corriente afectiva desatada por el acto de sacar fotografías entre tres volunturistas extranjeras y los niños de una villa de emergencia, lo que llevó también a rever algunos conceptos de la relación entre turistas y fotografía. Como metodología de pesquisa se trabajó con observación participante, entrevistas en profundidad con informantes clave (líderes comunitarios, volunturistas y agentes promotores) cuestionarios semi estructurados y grupo focal. El material foto-etnográfico y de campo se centró en los juegos y actividades lúdicas que ocurrían. La investigación se destinaba a comprender la complejidad y los matices del volunturismo pero llevó también a querer entender la posición ambigua en que las investigadoras se encontraban.

Palabras clave: Turismo. Volunturismo. Villas de emergencia. Fotografía.

A Modo de Introdução – A Favela no Mapa e na Foto

Um mapa-mundi ressignificado. Três setas nos levam a cidades – Nova York, Adere e Manchester -- que aparecem, em exclamação, “apropriadas” por três nomes femininos. Uma quarta seta aponta para o Rio de Janeiro e destaca a pequena favela Pereira da Silva que, durante muito tempo, foi “invisível” aos olhos da norma: assim como tantas outras áreas ditas de ocupação irregular, não podia figurar nos mapas oficiais da cidade.



Figura 1 – Em uma parede da favela, o mundo ganha novos significados
 Fonte: Fernanda Nunes

Também conhecida como Pereirão, a favela está encravada entre os tradicionais bairros de Santa Teresa e Laranjeiras. O morro é sinuoso, de ruas estreitas e vielas que inviabilizam o acesso por meios de transportes motorizados. Segundo dados oficiais, ali residem cerca de 5 mil pessoas (Armazém de dados – Instituto Pereira Passos), mas não há escolas, postos de saúde, tampouco comércios variados no interior da favela. Como parte da política de segurança pública implementada pelo então governador Anthony Garotinho, no ano de 2000, transferiu-se a sede do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro para perto da entrada da favela. A presença dos policiais militares foi considerada, inclusive pelos moradores da Pereira da Silva, como responsável por eliminar o tráfico de drogas da região, fato que a tornou uma favela “tranqüila” e “diferente das outras”. (cf. Rocha, 2009)

Na parte alta do morro, além da vista privilegiada, têm-se dois atrativos responsáveis por dar visibilidade à Pereira no mercado do turismo de pobreza (Freire-Medeiros, 2009): o Projeto Morrinho e a Pousada Favelinha. Apresentando-se como “um projeto social e cultural”, o Morrinho foi se

constituindo em torno de uma enorme maquete feita de tijolos e pecinhas de Lego, na qual se representam o cotidiano, o tráfico, o comércio e moradores de favelas em geral. O que no fim dos anos 1990 era apenas uma “brincadeira”, hoje se desdobra em quatro frentes de atuação: TV Morrinho, Morrinho Exposição, Morrinho Social e Turismo no Morrinho⁴, esta última vista como uma iniciativa de turismo sustentável que encontra na experiência de turismo vivida na favela da Rocinha seu maior contraponto (Freire-Medeiros, 2010; Freire-Medeiros e Rocha, 2011). A Pousada Favelinha, por sua vez, foi inaugurada no fim de 2004 pela brasileira Andréia Martins e pelo alemão Holger Zimmermann. Oferece seis quartos confortáveis, acesso à internet e um cenário de cartão-postal aos turistas (em sua vasta maioria estrangeiros) que se disponibilizam a pagar cerca de U\$40 pela diária. Em seu site, a hospedagem é classificada como “a primeira do Brasil” a oferecer serviços desse tipo numa favela⁵.

Capturado pela câmera de uma das autoras durante o trabalho de campo, o mapa de relevos e aproximações improváveis localiza o cenário em que desenvolvemos, ao longo de onze meses, parte da pesquisa intitulada *Ações Solidárias e o Consumo de Experiências: Um estudo sobre o campo do turismo voluntário no Rio de Janeiro*, que vem procurando investigar o *volunturismo*, uma atividade híbrida em que se conciliam práticas de lazer e turismo com algum tipo de trabalho voluntário em projetos sociais⁶. Além do grupo focal com volunturistas hospedados em Santa Teresa⁷, a metodologia de

⁴ Para saber mais sobre o projeto, acesse:

http://www.morrinho.com/Morrinho/Projeto_Morrinho___Uma_Pequena_Revolucao.html

⁵Cf. <http://www.favelinha.com/en/index.php>

⁶ Iniciado em maio de 2008 e coordenado por (autora), o projeto contou com apoio do CNPq (Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa) e da FAPERJ (por meio de uma bolsista de Iniciação Científica e de financiamento parcial no contexto do Programa de Grupos Emergentes). As autoras agradecem não apenas às três estrangeiras citadas no artigo, mas também aos volunturistas João Wrobel, Austin Freeman e Bryn Hafemeister; à presidente da Associação de moradores da Pereira da Silva, Kelly Martins; e a José Carlos Silva Pereira “Júnior” e Cilan Oliveira, fundadores do Projeto Morrinho, pelo apoio e colaboração ao longo do processo de pesquisa.

⁷ Os volunturistas hospedados na pousada em questão chegaram ao Rio de Janeiro por meio da agência Iko Poran, tida como a pioneira na prática do “turismo-voluntário”, no Brasil. (Cf. Nunes e Pacheco, 2009)

pesquisa envolveu observação participante e entrevistas em profundidade com lideranças da Pereira da Silva e com cinco estrangeiras alocadas na favela. No total, aplicou-se, via email, treze questionários semiestruturados junto a volunturistas oriundos dos mais diferentes países que estiveram no Brasil.

O mapa acima também apresenta ao leitor as personagens principais deste artigo: as *volunturistas* Melinda Garret, Frances Ridley e Sorcha Cremin⁸. Antes, porém, de ser apropriado por nós, o mesmo mapa confeccionado pelas três estrangeiras cumpriu outra função no contexto da favela: criou nexos de sentido e de afeto entre localidades e sujeitos até então dispersos, entre as volunturistas e um grupo de crianças que freqüentava as atividades lúdicas e educativas desenvolvidas na Casa de Cultura.

Construída por iniciativa de uma turista alemã, que esteve hospedada na Pousada Favelinha no início dos anos 2000, a pequena edificação conhecida como Casa de Cultura ocupa um lugar estratégico na parte baixa do morro e, após várias contendas sobre que destino lhe deveria ser dado, acabou ficando sob a responsabilidade da Associação de Moradores. Durante o período em que freqüentamos o Pereirão, era usada com diversos fins, sobretudo para as atividades das volunturistas com as crianças. Essas atividades, que reuniam em média cerca de 10 crianças entre cinco e 12 anos de idade (eventualmente, algumas adolescentes e um garotinho de aproximadamente 18 meses juntavam-se ao grupo), tinham como um de seus principais eixos condutores o uso de câmeras digitais e analógicas para registro do cotidiano da favela pelas próprias crianças, que eram incentivadas a retratar pessoas e espaços que lhes fossem relevantes do ponto de vista afetivo. A proposta foi apresentada por Frances, 26 anos, a primeira das três volunturistas a chegar à Pereira e que lá esteve pelo período mais longo – cinco meses (Melinda permaneceu por três meses e Sorcha, por cinco semanas). Na sua bagagem vieram inúmeras

⁸ Como o foco aqui recai sobre as dinâmicas de interação dos estrangeiros com as crianças e a intermediação da fotografia nesse processo, não analisaremos as trajetórias de outros três volunturistas (dois rapazes e uma moça) cujas atividades também acompanhamos durante o mesmo período, mas que foram alocados no Projeto Morrinho, onde atuavam tanto na captação de recursos quanto na tradução do *site* oficial da ONG.

câmeras doadas por amigos e a experiência em um projeto semelhante parcialmente desenvolvido por ela junto a adolescentes de bairros pobres de Manchester. Melinda também possuía grande familiaridade com as linguagens audiovisuais (na época, a jovem de 26 anos trabalhava em uma rede de televisão em Nova York), enquanto Sorcha mantinha uma relação amadora, porém intensa, com a fotografia, fazendo registros constantes com sua câmera.



Figura 2 – Fotografando fotografias: metalinguagens e afetos intermediados pelas câmeras
Fonte: Fernanda Nunes

A máquina fotográfica das autoras, por sua vez, procurou capturar não apenas a rotina das tarefas desenvolvidas pelas volunturistas junto às crianças, mas igualmente a interação física e emocional entre elas, as dificuldades de entendimento e as identificações afetivas que eram encenadas no espaço da Casa de Cultura. Era nossa intenção também tornar de certo modo tangível o fluxo de emoções que, em grande medida, passava pelo exercício da produção de imagens fotográficas e cuja dinâmica peculiar nos

desafia a repensar o que tem sido dito sobre as relações entre fotografia e práticas turísticas.

Turistas e Câmeras

Como se sabe, a estreita relação entre turismo e o ato de fotografar, bem como suas implicações na prática e no ideário da viagem, vêm mobilizando a atenção acadêmica pelo menos desde a publicação de *The Tourist Gaze*, em 1990. Neste que já se tornou um clássico, John Urry propõe que o turismo como um sistema complexo seria impensável sem a popularização das câmeras fotográficas que possibilitaram a emergência de uma nova forma de olhar o mundo e dele dispor: fotografia e turismo são inseparáveis tanto do ponto de vista conceitual quanto empírico, isto é, são parte do que o autor identifica como o círculo hermenêutico da cultura de viagem.

Em uma perspectiva complementar, Crawshaw e Urry (2007) argumentam que a prática turística, somada ao uso contínuo da câmera fotográfica, exerce um poder de vigilância. O senso comum opera com a noção de que os turistas captam com suas lentes fotográficas a autenticidade das pessoas e da localidade visitada, sendo impossível, então, passar despercebido pelo olho “que tudo vê”⁹. Visando limitar essa sensação de vigilância em potencial, os visitados constroem o que MacCannell (1989) chama de “autenticidade encenada”.

Ao discorrer sobre a relação simbiótica entre fotografia e turismo, a pesquisadora Cynthia Ferrari (2010) também aponta para a relação de poder aí estabelecida, concluindo que a primeira permite ao seu autor “direcionar suas ações sobre o que fazer e como agir”, aliviando, assim, a “desorientação

⁹ Vale lembrar aqui que o conceito análogo de “câmera-olho” (Kino Glaz) foi desenvolvido na década de 20 pelo cineasta soviético Dziga Vertov. Embora afirmasse que o filme não era a cópia fiel da realidade, Vertov “só admitia no cinema documentário a capacidade de expressar a realidade” (Kornis, 1992: 240).

que as viagens propiciam aos turistas pelo afastamento de seu espaço cotidiano". Mais do que alguma noção de enquadramento e o simples apertar de um botão, o "fotógrafo-turista" compatibiliza memória e dominação em sua atividade, conforme observa a autora:

(...) o homem sente necessidade de registrar-se no tempo, de dominar o desconhecido, e fotografar a 'aura' de sua imortalidade, mesmo que fragmentada em diversos momentos. Portanto, fotografar essas experiências de viagem ultrapassa o ato de captar e registrá-lo; é sentir-se poderoso ao eternizar-se na imagem, talvez uma sensação momentânea, mas intensa e documentada (física), o que dá a sensação de assegurar uma espécie de eternidade concreta (Ferrari, 2010, p.105).

"Pelo menos no contexto do turismo internacional", argumenta o antropólogo Edward Bruner, "a fotografia é um ato agressivo e um meio de dominação" (Bruner, 2004: 56. Tradução nossa). Os escritos de Susan Sontag também sugerem que "fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se numa certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento e, por conseguinte, com o poder". (1981: 04) De maneira geral, não nos parece incoerente tomar a presença do turista do *Rich North* e sua câmera fotográfica – uma tecnologia de representação Euro-Americana, é bom lembrar -- em territórios do *Global South* como materialização do legado (pós)colonial e atualização de relações seculares de exploração. Mas, como bem sabemos, é próprio de qualquer generalização sofrer ponderações quando examinada em detalhe e é isso que pretendemos neste artigo: aproximar a nossa lente em *zoom* e observar as dinâmicas de um encontro a princípio altamente hierarquizado entre crianças de uma favela e turistas estrangeiras com suas câmeras.

A primeira generalização a ser questionada é aquela que remete a uma necessária e hierárquica distribuição de papéis entre quem "clica" (turistas) e quem é "capturado" (nativos de toda ordem): afinal, não foi preciso muito tempo para que o gosto pelo registro fotográfico deixasse de ser exclusivo às estrangeiras no contexto da Pereira da Silva. Quando Melinda, ainda nas

primeiras semanas de atividade, dizia ter a impressão de que a expectativa das crianças em relação às volunturistas resumia-se basicamente a um par de coisas -- que comparecessem à Casa de Cultura duas tardes por semana e que trouxessem suas máquinas fotográficas – nos era difícil discordar. As câmeras foram, de fato, elemento fundamental na dinâmica de aproximação entre os dois grupos: as três estrangeiras fotografavam constantemente as crianças e permitiam ser fotografadas por elas em poses as mais variadas.

Outra generalização disputável é a que cria um nexo de necessidade entre fotografia e vigilância. No caso do volunturismo na favela Pereira da Silva, o consumo visual, bem como a experiência relacionada ao toque, à audição e à comunicação, foram compartilhados por meio das imagens produzidas. Nesse contexto socioespacial, o receio da “vigilância” ou “dominação”, comum na relação turista-câmera-anfitrião, nos provoca de fato uma interpretação inversa. São as crianças locais “vigilantes” por excelência, tanto das atividades exercidas quanto da presença e do horário de chegada e saída das estrangeiras. Caso alguma volunturista não comparecesse à favela, as crianças “registravam a queixa” junto à Presidente da Associação de Moradores ou enviavam um recado diretamente para as volunturistas, via redes sociais, cobrando-lhes a presença na semana seguinte. Nos períodos em que não havia volunturistas na favela, raramente as crianças desciam o morro para brincar na quadra e a Casa de Cultura permanecia fechada.

Na próxima seção, vamos em companhia das três estrangeiras e das crianças rumo à Pereira da Silva com nossas câmeras fotográficas. Mas, antes, é preciso explicar, ainda que brevemente, que tipo de prática social é essa que responde à alcunha de turismo voluntário ou *volunturismo*.

De uma Atividade Híbrida: o Volunturismo como Experiência de Encontro

Em trabalho pioneiro, Wearing (2001) oferece uma acepção valorativa ao definir o volunturismo como aquele que oferece “uma experiência interativa

direta, uma mudança de valor e de consciência no indivíduo que influenciarão seu estilo de vida. Ao mesmo tempo, provê formas de desenvolvimento comunitário solicitadas pelas comunidades locais” (2001: 10. Tradução nossa). É nesse sentido que, segundo o autor, os promotores do turismo voluntário investem em conformar-lhe a imagem de uma experiência de viagem que promove a “humanização” do turismo. A favor do volunturismo estaria, ainda, a suposição de que se trata de uma modalidade mais apropriada ao desenvolvimento das nações pobres do que as formas de turismo de massa, uma vez que os lucros seriam gerados, ao menos em parte, por empreendedores locais e por eles distribuídos.

Ainda que o volunturismo mobilize muito menos recursos que o turismo de massa, seu crescimento tem sido contínuo e suas frentes de atuação encontram-se cada vez mais diversificadas. Em geral, as agências especializadas promovem seus serviços como “uma experiência cultural singular” e “uma viagem que mudará a sua vida”. Em seus *websites* e materiais de divulgação, essas agências reforçam a ideia de que os volunturistas dispõem de uma agenda flexível que lhes garante satisfação pessoal, elevação da autoestima, desenvolvimento pessoal e profissional, e muita diversão – tudo isso em um mesmo pacote¹⁰.

O volunturista pode atuar como professor de inglês; na construção de casas para famílias necessitadas; ajudando aos pandas na China ou alimentando os filhotes de leões em um parque na África do Sul. Mas, via de regra, o trabalho realizado com crianças pobres que vivem na África, Ásia e América do Sul representa a atividade que mais mobiliza a atenção da clientela. A duração dos programas varia entre uma e doze semanas, de acordo com as necessidades do projeto e a disponibilidade do cliente, e os preços dos pacotes são definidos por meio do tempo de trabalho, do território escolhido e do tipo de hospedagem.

¹⁰ Maiores informações podem ser obtidas pelos sites: <http://www.i-to-i.com>; <http://www.intrepidtravel.com>; <http://www.ikoporan.org.br>

Christopher Hill, fundador e diretor de uma companhia de viagem especializada em volunturismo ecoluxuoso, acredita que uma das razões para o crescimento mundial do turismo-voluntário encontra-se na necessidade das pessoas em procurar realização pessoal e buscar um sentido para a vida – isto é, aquilo que comumente não possuem em suas existências cotidianas. Mas, como nos alerta Simpson (2005), o contato entre volunturistas e residentes locais por si só não garante a quebra de pré-concepções sobre a cultura alheia. Segundo a autora, as agências promotoras se atêm a justificativa de que o volunturismo proporciona mudanças de valores e incentiva o relativismo cultural justamente porque essas agências, em contraste com aquelas de voluntariado de cunho mais tradicional como o Peace Corps, não oferecem a seus clientes nenhum tipo de preparação para a viagem, não são capazes de educá-los sobre o destino no qual pretendem voluntariar. A autora vai além ao sugerir que o turismo-voluntário, como outras formas de turismo, pode muitas vezes ser utilizado pelas pessoas para confirmarem, ao invés de questionarem, idéias previamente concebidas sobre “o outro”. Estereótipos sobre pobreza, por exemplo, tendem a ser reforçados nessas experiências porque os volunturistas não são estimulados a levar em consideração os aspectos mais amplos da realidade social do país que visitam. Segundo a autora, essa falta de questionamento pode levar à crença de que as comunidades simplesmente aceitam sua pobreza.

Parece haver um consenso de que o maior beneficiado com a experiência do volunturismo não são as comunidades visitadas, mas o próprio volunturista que passaria a ter uma maior consciência de si mesmo e de seu lugar no mundo – isso sem falarmos dos benefícios de se ter no currículo uma experiência de voluntariado no sul global (Wearing, 2001; Worthington, 2005). Os voluntaristas com quem conversamos não negam tratar-se de uma relação em que os “mais necessitados” não são necessariamente os “mais beneficiados”. Quando questionada sobre a real efetividade das tarefas realizadas juntos às crianças da Pereira da Silva, Sorcha procurou sustentar sua resposta remetendo não a quesitos em última instância mensuráveis no

curto prazo – desempenho escolar, fluência no inglês, habilidade na fotografia --, mas ao campo dos afetos: “Elas [as crianças] lembrarão de nós quando forem mais velhas.” Melinda complementa a afirmação da amiga com o seguinte argumento:

(...) essa experiência dá a eles uma nova visão de mundo na qual eles são valorizados. Pode até não ser uma experiência de mudança de vida, mas será algo de que se recordarão, as tardes que passaram com pessoas do mundo todo que vieram passar um tempo com eles! Tentamos mostrar a eles num mapa onde eles vivem e de onde viemos; para que eles saibam que existem muitos lugares lá fora, apesar de a maioria das crianças da favela não poder viajar para tais lugares.

Outra questão central da prática do volunturismo diz respeito à definição da identidade dos atores sociais como voluntários, turistas ou uma categoria híbrida e ambígua – volunturista - que a própria prática inventa. Apesar de reconhecer que “turistas-voluntários são similares a turistas de massa no que diz respeito ao impacto que causam na vida e no dia-a-dia dos moradores”, McGehee e Anderek (2009: 47. Tradução nossa) apontam para dificuldade de definição de uma identidade estável: “muitas vezes, os volunturistas não são vistos como turistas nem pelos moradores locais nem por eles mesmos”. De fato, quando pedimos a Melinda que refletisse sobre o lugar ocupado por ela no *continuum* dessas várias categorias – turista, voluntário, volunturista --, nos foi oferecido um relato bastante ilustrativo dessa instabilidade identitária:

Eu não diria que eu sou uma turista porque eu moro aqui há dez semanas, eu tenho uma rotina, [eu e os outros volunturistas] fazemos amigos... Não é uma vida ‘normal’ [de um habitante da cidade], tampouco é a de um turista. Eu estou morando no Rio, mas ao mesmo tempo estou de férias. Em Nova Iorque eu trabalho muito e não tenho muito tempo para mim mesma... Porém, quando eu olhar para trás, não direi que estive de férias no Rio por dez semanas; direi que fui voluntária no Rio por dez semanas, que morei no Rio por dez semanas.

Frances, por sua vez, pondera que algumas atitudes-chave permitem a transição do simples turista para o volunturista e deste para algo mais próximo ao que seria o “nativo”:

Você definitivamente é um turista quando chega e começa a voluntariar. Mas eu sinto que quanto mais tempo se é voluntário, você se torna cada vez menos um turista e se sente mais como um 'local'. Isso com relação às coisas que você faz no seu tempo livre, que lugares frequenta, como você mesmo e os outros te percebem. Quanto mais tempo se está em um ambiente, mais se é aceito como um 'nativo' e menos como um turista. Você terá chance de fazer coisas de turista, mas você realmente pode começar a entender o lado social e comunitário de um local.

Deixar de ser um "simples turista" depende de uma variável objetiva – o tempo de permanência no local visitado --, mas também de variáveis bem mais sutis e difíceis de precisar que passam pelo reconhecimento e o aceite do outro. No caso estudado, estas variáveis foram construídas no campo dos afetos e se expressam de forma muito viva no trabalho realizado pelas volunturistas com as crianças a partir das fotografias e dos muitos momentos lúdicos que as câmeras das pesquisadoras registraram.

Afetos e fotos

Primeiro clique



Figura 3 – Entre papéis, brinquedos e câmeras, volunturistas e crianças trocam experiências
Fonte: Fernanda Nunes

Um ambiente modesto dividido em dois cômodos – sala e banheiro --, pouco arejado e iluminado precariamente. Na pequena sala, algumas estantes com livros infantis, dois armários que guardam materiais diversos, um sofá, um baú com brinquedos, algumas mesas e carteiras escolares doadas por uma escola da região. Duas adultas e cinco crianças aparecem interagindo em mais um dia de atividades na Casa de Cultura.

Conseguir a atenção das crianças para as atividades programadas é tarefa árdua. As volunturistas não detêm fluência no nosso idioma e as crianças, sempre inquietas, não sabem mais do que algumas poucas palavras em inglês. Melinda, acompanhada por Janaína e Marcela, está recortando fotos tiradas pelas crianças e impressas pelas volunturistas. A norte-americana, com muita paciência, começa a atividade sozinha demonstrando às crianças o que deveria ser feito. A pequena Janaína aprecia a proposta e, estimulada por Marcela, passa a recortar e pregar as fotos, procurando seguir a lógica apontada pela volunturista. Enquanto Melinda cola a foto de um poste com muitos fios emaranhados (o popular “gato de luz”)¹¹, Marcela escolhe fotos de seus amigos. Casas, animais de estimação e muitas escadas completam o cartaz. Ao longo do dia, Melinda se comunica com as crianças por meio de gestos e de um reduzido vocabulário em “portunhol”. As crianças ficam atentas às suas mímicas e se esforçam tanto para entendê-la quanto para se fazer entender.

Durante a confecção do cartaz, três meninos preferem brincar com um jogo eletrônico emprestado por Frances. O brinquedo é intensamente disputado e não demora a se iniciar uma briga. Após consolar João, secando-lhe as lágrimas, Frances aparece, na fotografia de campo, abraçando um dos garotos. Afetuosa, ela lhe agradece por ter sido compreensivo e dividido o vídeo-game com seu amigo. O menino, por outro lado, mostra-se cabisbaixo, embora retribua com um sorriso. O pequeno que há pouco chorava, agora é

¹¹ O “gato de luz” mobiliza as câmeras dos turistas em qualquer “favela tour” (Cf: Menezes, 2007; Freire-Medeiros e Menezes, 2009).

retratado deitado confortavelmente no sofá, brincando com o objeto tão desejado. Outra criança, que se encontra em pé, manuseia uma câmera digital e confere as fotos que acabara de tirar no interior e nos arredores da Casa de Cultura.

Segundo clique



Figura 4 – Crianças e voluntária
Fonte: Fonte: Fernanda Nunes (maio/2009)

Após a montagem de um extenso quebra-cabeça, voluntárias e crianças se dirigem à quadra, local preferido por estas para os jogos de futebol e de pique-pega. O jogo com petecas, compradas e distribuídas por uma das estrangeiras, completa as atividades realizadas ao longo daquela tarde. Melinda preocupa-se em circular entre os pequenos grupos que haviam sido formados durante a brincadeira, enquanto Sorcha opta por fotografá-los com sua inseparável câmera digital, ainda que as petecas voassem com frequência em sua direção, como se a convidassem para jogar também.

Os primos Janaína e João, cinco e seis anos respectivamente, são ativos, correm pelos cantos e pedem colo às duas voluntárias. Vez em quando brigam e choram, buscando o amparo das jovens estrangeiras. Ambos, acompanhados por Sorcha, aparecem retratados na quadra de esportes. No plano de fundo, o portão de uma casa e uma escadaria, que funciona como uma das vias de acesso às áreas mais altas da favela. No centro, nossa lente focaliza duas crianças negras abraçando essa mulher jovem, cuja aparência física remete ao estereótipo europeu: pele, cabelos e olhos claros. Em comum, os três compartilham a vestimenta simples - short e camiseta - e os chinelos de dedo. Um *zoom* na foto permitiria perceber que, na mão direita, João segura o que sobrou de sua peteca; na outra, vemos notas de dinheiro falso, que consistem em peças de um jogo de tabuleiro. O menino é o primeiro a abraçar Sorcha, que observa a correria da criança. Em seguida, Janaína envolve seu primo e a estrangeira em um abraço duplo. Encostado com a cabeça sobre a barriga de Sorcha, João fecha os olhos e permanece assim por alguns minutos. A voluntária, porém, não retribui o gesto. Embora esboce um tímido sorriso, seu corpo se mantém estático, de modo que seus braços e mãos não tocam nas duas crianças.

A cena é intrigante. A interpretação mais óbvia remete a pares antinômicos - "carinho" versus "frieza", "ternura" versus "impassibilidade" - já de longa data acionados, em ambos os lados do Atlântico, quando o assunto são as diferenças de comportamento entre "eles" e "nós", habitantes dos trópicos, dados a expressões exageradas de afetos. Provocada pelas pesquisadoras a comparar a conduta das crianças da favela com a daquelas de seu país, Sorcha parte de uma suposta origem comum - "crianças são crianças" -, mas de imediato a reinscreve na chave da diferença. As coreografias de *funk* corriqueiramente encenadas pelas crianças no espaço da Casa de Cultura são o exemplo escolhido para sintetizar seu mal-estar diante de uma sexualidade que lhe parece precoce: "Eu acho triste a forma como as crianças são forçadas a crescer aqui. Eu digo a eles: 'Uau, você tem seis anos, você não deveria estar dançando assim!'"

Mas diferenças, como bem sabemos, não apenas afastam e incomodam, mas também aproximam e seduzem. Se, na fotografia anterior, o contraste entre afeto e indiferença corrobora o senso comum no que diz respeito à “frieza” dos europeus, as emoções retratadas parecem convergir em uma direção comum. As marcas e as cores de cada um seguem estabelecendo o lugar que lhes cabe na hierarquia das mobilidades, mas a distância desconcertante retratada há pouco cede lugar a uma interação carinhosa que diverte a volunturista e o mesmo menino a quem não abraçara antes. Novamente, João vem buscar em Sorcha consolo para o aborrecimento provocado por outra criança, mas dessa vez seu choro sentido foi rapidamente substituído por uma intensa gargalhada provocada pelas cócegas de Sorcha. Naquele instante, antes que a irlandesa devolvesse o garoto ao chão, palavras não foram necessárias; os dois apenas se olharam e sorriram.



Figura 5 – Criança e voluntária
Fonte: Fernanda Nunes (maio/2009)

Considerações Finais

Tanto as fotografias que compõem nosso acervo fotoetnográfico quanto as observações de campo colocam os jogos e as brincadeiras – desenhos, piques, pular corda – como atividades centrais desenvolvidas pelas personagens apresentadas neste artigo. Ausentes das fotos estão, porém, as próprias pesquisadoras, que também compartilharam sentimentos, dividiram tarefas e estabeleceram relações afetivas tanto com as crianças quanto com as volunturistas. Se, por um lado, estávamos em busca de um entendimento das complexidades e nuances que o volunturismo envolve; por outro, nossos “nativos” também se preocuparam em conferir sentido a nossa presença entre eles. Assim, a experiência tornou-se produtiva não apenas no âmbito intelectual, mas também no sentido da experimentação de uma posição ambígua, na qual ficamos a meio caminho entre os dois grupos.

Desde o primeiro dia de observação participante na Casa de Cultura, as crianças nos receberam com beijos e abraços apertados. Ainda que compartilhássemos com elas o mesmo idioma, fomos confundidas –e denominadas– como “tias”, por representarmos “pessoas de fora”. Quando na ausência das volunturistas, aos nos avistarem, as crianças questionavam sobre a ausência de atividades e sugeriam que as levássemos para brincar na parte baixa da favela. Em uma dessas vezes, diante de nossa resposta negativa, a pequena Janaína retrucou dizendo que “só estudar” lhe provocava “dores de cabeça”. O apelo da menina indicava, sobretudo, que a rotina interrompida de atividades, junto às volunturistas, fazia-lhe grande falta e nos tomava como potenciais substitutas.

Éramos *como* as volunturistas atuantes na localidade e, por conseguinte, precisávamos agir como tais. Mesmo na presença das estrangeiras, todas as crianças nos “convocavam” para brincar e pediam ajuda com o material de desenho, bem como na resolução de suas brigas. Frequentemente tornávamo-nos alvo das lentes das câmeras doadas às crianças, que chegavam a sugerir poses e rir das fotos não ensaiadas. Durante nossa interação, não só

recebemos, como retribuimos palavras de carinho e desenhos com dedicatórias.

Se, por um lado, o volunturismo realiza uma combinação de certa maneira inusitada entre “ajudar o próximo” e “divertir-se”, por outro é capaz de provocar emoções e vínculos de afeto que raramente emergem em outras formas de turismo. A manutenção efetiva e a longo prazo desses vínculos, porém, exige dos atores sociais envolvidos um capital de rede (Urry, 2007) nem sempre disponível e muitas vezes custoso. No caso específico da Pereira da Silva e das três volunturistas, vale notar que duas delas regressaram à favela e estiveram atuando como voluntárias por períodos mais longos e por conta própria, ou seja, sem a intermediação da agência promotora. Esse retorno renovou os vínculos afetivos e criou novos laços de confiança entre “hosts and guests”.

Referências

- BRUNER, Edward M. The Maasai and the Lion King: Authenticity, Nationalism, and Globalization in African Tourism. In: *Tourists and Tourism*. GMELCH, Sharon Bohn (Org.). Illinois: Waveland Press, 2004.
- CRAWSHAW, Carol; URRY, John. O turismo e o olhar fotográfico. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n. 25, 2007, p.39- 64.
- FERRARI, Cynthia. O fotógrafo-turista: simbiose perfeita na experiência de viajar. In: *Turismo de experiência*. PANOSSO, Alexandre & GAETA, Cecília (Orgs).. São Paulo: Ed. Senac, 2010
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Gringo na laje: Produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- _____; MENEZES, Palloma. Fotografando a pobreza turística. *Revista Antropológicas*, ano 13, v. 20, p. 55-75, 2009.
- _____. Entre tapas e beijos: A favela turística na perspectiva de seus moradores. *Sociedade e Estado (UnB)*, v.25, n.1, 2010, pp.33-51.
- _____; ROCHA, Lia Mattos. *Uma pequena revolução: arte, mobilidade e segregação em uma favela carioca*. Paper apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia (26 a 29 de julho), Curitiba (PR), 2011.
- KORNIS, Mônica. História e Cinema: um debate metodológico. *Estudos Históricos*, v.5, n.10, 1992, pp. 237-250.

- MACCANNELL, Dean. *The tourist: a new theory of the leisure class*, New York: Schocken Books, 1989.
- MCGEHEE, N; ANDERECK, K. Volunteer tourism and the voluntoured: the case of Tijuana, Mexico. *Journal of Sustainable Tourism*, 17(1), 2009, pp.39-51.
- MENEZES, Palloma. *Gringos e câmeras na Favela da Rocinha*. Monografia (Bacharelado) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2007.
- NUNES, Fernanda; PACHECO, Juliana. Solidariedade e lazer? A experiência dos “turistas-voluntários” no Rio de Janeiro. In: *VIII Reunião de Antropologia do Mercosul* (paper), 2009.
- ROCHA, Lia Mattos. *Uma favela diferente das outras? Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão*, Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2009.
- SIMPSON, Kate. Dropping Out or Signing Up? The Professionalisation of Youth Travel. *Antipode*, v.37, n.3, 2005, pp.447-469.
- URRY, John. *The tourist gaze*. Londres: Sage Publications, 1990.
- _____. *Mobilities*. London: Polity Press, 2007.
- WEARING, Stephen. *Volunteer tourism: experiences that make a difference*. UK: CABI Publishing, 2001.
- WORTHINGTON, Barry. Sex and shunting: Contrasting aspects of serious leisure within the tourism industry. *Tourist Studies*, v.5, n., 2005. pp. 225–246

Artigo recebido em julho de 2011.

Aprovado para publicação em julho de 2011.